Functional thinking in Reich: a contribution to the interdisciplinary method

O pensamento funcional em Reich: uma contribuição ao método interdisciplinar

Adriana da Silva Brites¹, Ricardo Kubrusly^{1,2}

¹ Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro

drixbrites66@gmail.com, risk@hcte.ufrj.br

Recebido: 4/12/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 12/12/2020

Resumo. *O mundo contemporâneo tem apresentado novos desafios ao saber científico, que não comportam mais um modelo de ciência hegemônica disciplinar. Apesar da interdisciplinaridade já se apresentar como um modelo inovador, e que ajuda a romper as fronteiras entre os saberes, ainda são muitos os desafios encontrados. Este trabalho traz o pensamento funcional reichiano como um aporte para que possamos vislumbrar novos caminhos e soluções para as questões complexas da atualidade/humanidade/ciência. É necessária a reintegração das partes sedimentadas pela visão cartesiana do ser e do mundo, posto que a realidade é total, e um recorte da mesma possui uma função perante o todo, mas não é o todo em si mesmo.*

Palavras-chave: *Pensamento funcional. Interdisciplinaridade. Ciência.*

Abstract. *The contemporary world has presented new challenges to scientific knowledge that no longer include a hegemonic disciplinary model of science. Although interdisciplinarity already presents itself as an innovative model, that helps to break the boundaries between knowledge, there are still many challenges. This paper brings functional Reichian thinking as a contribution so that we can envision new ways and solutions to the complex issues of the present time / humanity / science. The reintegration of the parts sedimented by the Cartesian view of being and the world is necessary, since reality is total, and a part of it has a function before the whole, but not the whole in itself.*

Keywords: *Functional thinking. Interdisciplinarity. Science.*

1. Introdução

Um dos principais pontos a serem pensados e debatidos sobre o atual modelo científico, é que a metodologia vigente se baseia numa visão simplificadora e compartimentadora dos saberes (PHILLIPI JR.; SILVA NETO, 2011), e por conseguinte, do pensar e fazer científicos. O modelo disciplinar que gerou avanços assim que a ciência se especializou, hoje se encontra muito defasado. O característico rigor disciplinar impõe segregações dos campos de saber que prejudicam a concepção de novas formas de fazer ciência, onde o diálogo e a relação entre saberes ampliem a compreensão e permitam avanço sobre soluções para os problemas da contemporaneidade. Wagner (2003, p.23) afirma que “o método de análise de cada elemento constituinte de um determinado evento nos facilita a compreensão de uma série de fenômenos deste evento”, ou seja, há valor na especialização para compreensão do detalhe, da parte destacada do todo, mas segue, no entanto, dizendo que “é na síntese das inter-relações entre estes elementos que está a compreensão deste fato. Ou, como bem o sabemos: o todo é mais do que a soma de suas partes.”

Para que haja um avanço significativo de modelos interdisciplinares, é preciso um olhar mais crítico sobre o modelo predominantemente disciplinar que ainda vigora, reconhecendo suas limitações (PHILLIPI JR.; SILVA NETO, 2011). O objetivo da pesquisa científica é o de avançar para melhorar a vida em sociedade, no individual e no coletivo, tendo como ponto de partida e chegada o ser humano e o planeta em que vivemos. A ciência compartimentalizadora não parece ser a solução, pois contempla de maneira insatisfatória a complexidade da sociedade e da natureza. A ciência deve ampliar a consciência de si mesma e de seus próprios objetos de pesquisa.

Sendo assim, abordar o contexto histórico, político, social e econômico se torna também essencial para compreender as estruturas que regem o atual modelo científico e controlá-las, desta forma, favorecendo uma reflexão mais crítica sobre a atual conjuntura do ‘fazer ciência’ (CASANOVA, 2006).

No passado, diagnosticou-se a necessidade da ciência se distanciar daquilo que considerava como formas de conhecimento “menores”, as humanidades (PHILLIPI JR.; SILVA NETO, 2011), na busca por uma objetividade e sistematização, onde a razão seria determinante na verificação e validação científicas. Uma das demandas que teria motivado essa busca era o compromisso crescente com a exatidão dos resultados, o que implicava em super simplificação dos modelos naturais, com eliminação de muitas variáveis, empobrecendo o desenvolvimento tecnocientífico e reduzindo o campo de ação dos pesquisadores. Como consequência, séculos mais tarde, a ciência acaba pressionada por encontrar um novo caminho científico, incluindo uma nova metodologia inspirada pela necessária atualização do pensamento em ciência, de maneira a dar conta da complexidade humana, uma urgência da contemporaneidade.

Um novo olhar sobre a realidade trouxe a interdisciplinaridade¹ como caminho fértil para encontrar soluções para os problemas contemporâneos, já que a mesma busca a

¹ A Interdisciplinaridade surge nos anos de 1960 como forma alternativa de produção de conhecimento. (PHILLIPI JR., 2011)

(re)ligação de saberes em prol do benefício do ser humano e da natureza; o olhar histórico e contextualizado é estimulado, e assim tornam-se visíveis os elos sistêmicos que permitem compreender o desenvolvimento da ciência e suas mais novas demandas do forma mais realista e eficaz. Manter um olhar no antigo e outro no novo é necessário para compreender o espírito de cada época e mantermos o corpo coeso no tempo, alargando nossa capacidade de previsão e de estudar a possibilidade de promover mudanças necessárias. Da mesma forma, possibilitar o diálogo entre as ciências naturais e as humanas nos reconecta no espaço, nos devolve a Natureza que nos constitui, nos ajudando a compreender um pouco mais sobre a complexidade de se perceber e ser humano (CASANOVA, 2006).

Ao construirmos cercas entre os saberes, deixamos de fora um olhar, mas não uma realidade. Por isso a interdisciplinaridade tem crescido muito nos últimos anos, por ser da ordem de um saber complexo, mais condizente com as discussões atuais sobre conhecimento. Segundo Casanova (2006), a interdisciplinaridade surge como uma das soluções para o problema da unidade do ser e do saber, a unidade das ciências, a (re)ligação das técnicas, das artes e das humanidades com o conjunto cognoscível e construível da vida e do universo. De fato, já existe uma aceitação do método interdisciplinar na abordagem que se dá envolvendo áreas afins, como entre as ciências da matéria, onde “a física, a química e a biologia já reconheceram que têm muito a compartilhar” (CASANOVA, 2006, p. 89), ou ainda, entre áreas das ciências ditas humanas como sociologia, psicologia e história. Quando se trata da colaboração entre as ciências do “material” (naturais) e do “imaterial” (humanidades), o que temos é um campo minado de resistências. Tais resistências atrapalham o desenvolvimento mais amplo do saber científico, sendo um resíduo do modelo segregacionista disciplinar da ciência, e herança cartesiana, predominantes no pensamento e cultura atuais (PHILLIPI JR.; SILVA NETO, 2011).

2. Reich e o pensamento funcional

Wilhelm Reich se considerava um cientista natural. Foi um médico, psicanalista e orgonomista que viveu durante sua infância e parte da adolescência numa fazenda, em contato direto com a natureza, sendo desde cedo um observador da vida natural. Não à toa, seu percurso dentro da psicanálise o levou a descobertas que ultrapassavam a abordagem sobre uma representação psíquica, característica do pensamento freudiano. Buscou entender a energia libidinal², de que Freud tratava, em seu funcionamento biológico, buscando medir essa energia no corpo, o que o levou à descoberta de que havia uma correlação entre os aspectos qualitativos (energia psíquica) e quantitativos (energia biofísica) (REICH, 1975). E que ambos faziam parte de uma unidade de funcionamento, e a energia pulsional uma interface. Fenômenos que parecem distintos e opostos funcionariam simultaneamente. Não haveria como separar corpo e mente. Então, quantitativo e qualitativo, razão e emoção, material e imaterial, formariam pares funcionais de uma mesma unidade. No pensamento funcional reichiano compreende-se o ser em sua relação com o não-ser, sendo essa diferenciação um dos fundamentos da relação.

²energia pulsional, vital

Nesse sentido, “uma separação radical entre o ser humano e o resto do universo não tem fundamento” (RAYNAUT, 2011, p.81). Mesmo que não seja tudo igual, em termos conceituais, há um fio que conecta tudo e todos, numa rede complexa de conhecimento. Seguindo esse raciocínio, seria impossível uma ciência objetiva desconectada de seu aspecto subjetivo, e uma ciência do subjetivo dissociada de seu aspecto objetivo.

Para que haja um avanço na Ciência é preciso que a mesma reintegre as partes separadas, pois não somos máquinas (CASANOVA, 2006). Nossa percepção de mundo se faz através de um corpo que sente, enquanto pensa, e uma mente que pensa e é parte desse corpo e não uma entidade acima de nossas cabeças. Assim, não é possível uma razão que atue desvinculada de uma subjetividade intrínseca, e muitas vezes pungente. O corpo objetivo e subjetivo apreende a realidade a partir de seus sentidos imediatos: ouvir, ver, tocar, cheirar, saborear. A mente analisa o que sente, e age em acordo com essa dobradinha do sentir e do pensar. Não há separação de fato, não há como apenas sentir, ou apenas pensar, sendo humano, cientista ou não. Mas o ser humano tem se esforçado em manter a razão no controle de sua vida, tentando a todo custo dominar a natureza, em si e no entorno. E isso tem mesmo um custo.

Reich via o corpo como um organismo vivo constituído a partir de sua interdependência com o meio externo, seja ela cultural ou natural, onde sua saúde estaria diretamente atrelada ao livre fluxo das correntes vegetativas pelo seu corpo. Esse livre fluir, pulsação natural numa perspectiva quantitativa, possui uma relação direta com aspectos qualitativos da experiência de vida, representados pelo afeto, pela capacidade de amar, por exemplo. Sendo o amor a emoção fundamental, o ser humano que está em equilíbrio com sua plena capacidade amorosa teria, segundo Reich, sua bioenergia em livre fluxo. Do contrário, quando há um bloqueio nessa função bioenergética (estase) e, por consequência, em sua expressão afetiva, o corpo adoece nas dimensões física e/ou psíquica. Num primeiro momento, tais bloqueios se apresentariam na estrutura de personalidade do sujeito (caráter³), mais ou menos rígida, ou seja, mais ou menos capaz de amar, mais ou menos capaz de estabelecer um contato saudável e pleno com o meio e suas relações sociais (REICH, 2001).

A personalidade do indivíduo atua conforme suas possibilidades courácicas (REICH, 2001). Couraça é o termo usado por Reich para se referir às defesas que se apresentam no corpo, no caráter, onde entram seus modos de agir, de pensar, de falar, ou em tensões musculares e outros sinais disparados pelo sistema nervoso em estado de alerta. A couraça se torna necessária para a sobrevivência em situações de perigo, mas o indivíduo neurótico acaba por se utilizar dela em qualquer situação. Então, no intuito de evitar o desprazer, o sujeito acaba se fechando para todos os estímulos (internos e externos) que pareçam uma ameaça, perdendo assim sua capacidade de fluir de maneira natural e coerente. Seus sentidos ficam bloqueados, sendo prejudicados em suas funções (REICH, 2001).

Ainda, segundo o autor, os bloqueios mais severos na primeira infância deixam marcas

³Conceito reichiano que indica um mecanismo de defesa egóico que se manifesta na personalidade total do sujeito

no corpo muito difíceis de reverter⁴. Esse corpo desaprende a amar, desvincula-se da potência da vida, porque se torna alienado do contato com suas sensações, na busca por controlar seus impulsos instintivos e dar à razão todo espaço que determina a que leis deve obedecer. Isso se dá, na maior parte do tempo, em níveis inconscientes (REICH, 1975).

Reich afirma ser a nossa sociedade construída a partir de repressões da energia sexual, que afetam o modo como cada um de nós apreende a realidade (REICH, 1975). Reich percebeu esse estado ao pesquisar o que ele viria a chamar de couraças musculares e caracterológicas, onde o corpo atravessado pela lei humana severa e controladora desse quantum libidinal, se constitui e se movimenta limitado em sua capacidade de sentir, mais visceral e instintiva. Nesse estado, segundo Reich, é inevitável uma alienação da consciência que o indivíduo faz sobre si mesmo (REICH, 1975). Na proposta deste pesquisador, portanto, corpo e mente fazem parte de uma mesma unidade de funcionamento, onde suas funções se complementam. O modo de ver o mundo é pautado dentro dos limites nos quais os sujeitos são educados e ensinados desde a mais tenra infância. Contextualizar o saber e integrá-lo em sua complexidade e contradições, são, portanto, fundamentais para que o resgate da potência vital, quantitativa e qualitativamente (REICH, 1975).

3. Considerações finais

A ciência vem sendo reflexo de um modo de viver apartado da natureza. A ciência vem pagando o preço da desconstrução dos corpos de seus sujeitos cientistas, ditada por normatizações e leis antinaturais, onde o sentir e o apreender o mundo à sua volta e em si mesmo, foram prejudicados. Contemporâneos dessa normatividade antinatural, todos temos nossas capacidades de amar (e usar nossos sentidos) afetadas em maior ou menor grau.

Temos aí uma questão complexa, pois a ciência que se deseja neutra e isolada de subjetividades, é impossível. “Da matemática à psicanálise, qualquer produção científica é atravessada, ou está filtrada, pela subjetividade humana” (WAGNER, 2003, p.23). Assim, é cada vez mais importante o trabalho de autorreflexão e autoconhecimento, concomitantes ao trabalho da investigação científica.

Totalidade e complexidade são palavras muito utilizadas ao nos referirmos à interdisciplinaridade, pois o mundo real, em sua essência, é um todo, “feito de interações múltiplas e complexas entre os muitos elementos que a compõem” (RAYNAUT, 2011, p.84). Da mesma forma, a unidade *soma-psyque* (corpo-mente), em sua natureza funcional, não reconhece nem admite fronteiras estanques.

O recorte disciplinar do real projetou o pensamento científico para o protagonismo do movimento histórico do pensamento humano, viabilizando o surgimento e desenvolvimento da ciência. Esse mesmo recorte, no entanto, se tornaria um dos maiores obstáculos ao seu avanço. Para que haja uma retomada em direção a um avanço

⁴O mundo total da experiência passada incorpora-se ao presente sob a forma de atitudes de caráter. O caráter de uma pessoa é a soma total funcional de todas as experiências passadas. (Reich, 1975, p.128)

significativo da ciência frente aos problemas complexos que hoje desafiam a humanidade e sua continuidade no planeta, será necessário que se invista na mudança de pensamento, através de uma metodologia que possibilite a (re)integração entre o humano e a ciência, o material e o imaterial. É preciso que o pensamento humano seja capaz de ultrapassar as fronteiras recortadas por uma visão disciplinar da vida, separatista e segmentadora do ser. Disso depende a saúde do organismo social, que atravessa o ser em suas múltiplas vertentes.

O método interdisciplinar é onde se estabelece a relação entre os saberes, onde o teórico e o prático se encontram, a ciência e a tecnologia, o saber científico e o filosófico. É também o lugar onde o sujeito e o objeto não se excluem, mas ao contrário, interagem na busca por uma compreensão mais ampla do saber complexo e seus desafios. A interdisciplinaridade é um campo de conhecimento em construção, e um saber em si mesma, da ordem do saber complexo. Representa uma maneira de fazer ciência que inevitavelmente nos leva a olhar além de nossas caixinhas compartmentadas e compartmentadoras. Wilhelm Reich foi um cientista natural que manteve em sua trajetória de pesquisa uma abordagem metodológica interdisciplinar. Com isso conseguiu expandir sua visão de mundo, através de uma ciência integradora de saberes, obtida por um pensamento funcional, dinâmico e muito mais coerente com a complexidade da natureza em que vivemos e que nos compõe. Olhar o todo, mesmo que necessitemos estudar partes, é o caminho para o qual a abertura ao saber complexo nos conduz. Nos perceber e saber parte do todo, é perceber e saber que somos natureza.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

CASANOVA, P. G. As novas ciências e humanidade: da academia à política. São Paulo: Boitempo, 2006

PHILLIPI JR., A. e SILVA NETO, A. J. (eds.). Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação. Barueiri: Manole, 2011

RAYNAUT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILLIPI JR., A. e SILVA NETO, A. J. (eds.). Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação. Barueiri: Manole, 2011

REICH, W. A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica. São Paulo: Brasiliense, 1975

_____. Análise do Caráter. São Paulo: Martins Fontes, 2001

WAGNER, C. M. A transferência na clínica reichiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.